

O SUJEITO MARCADO PELA IDEOLOGIA NA MUSICA “TOCANDO EM FRENTE” DE ALMIR SATER E RENATO TEIXEIRA

Luane Prado Gomes Silva (G/FIPAR-PG/UEMS)

Silvane Aparecida de Freitas (UEMS)

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo a análise do sujeito regional marcado pela ideologia que o cerca, na música “Tocando em Frente” de Almir Sater e Renato Teixeira. A fundamentação teórica a ser utilizada é a Análise do Discurso da linha francesa, apoiada na psicanálise, contemplando um sujeito social e histórico. A pesquisa é bibliográfica. Considerando que um discurso não se constrói por si só, mas que é atravessado por outros discursos (interdiscurso), o *corpus* deste artigo se ocupará de interpretar esses sujeitos que formam o indivíduo regionalista pantaneiro. Verificou-se um sujeito que ora tem um discurso representativo de uma classe ou de indivíduos, ora um discurso que imaginam ser só seu, homogêneo, dono do seu dizer. A experiência o torna capaz de ver a vida sabiamente consciente ou inconsciente; percebe que vive determinado por algo, porém não se acomoda e segue em frente.

Palavras-chave: Música. Ideologia. Análise do discurso. Psicanálise.

Abstract: The present task has the objective of analysis the regional subject marked by ideology that around it in the music “Tocando em Frente” by Almir Sater and Renato Teixeira. The basement used is the Speech’s Analysis from French line, supported by psychoanalysis, contemplating a social and historic subject. The research is in the bibliography. Considering that a speech don’t build by itself, but is acrossed for others speeches (interspeech), the *corpus* of this article will interpret these subjects that form the pantaneiro regionalist single. Could be seen a subject that in the same moment that there is a representative speech of a class or from singles, there is a speech that imagine be just its, homogeneous, owner of its said. The experience be it able to see the life wisement conscious or unconscious; it’s perceptive that it live determined for something, however doesn’t accommodated and go a head.

Keywords: Music. Ideology. Analysis of Speech. Psychoanalysis.

1. Introdução

Neste artigo, partimos do princípio de que a linguagem é uma interação social e é efetivada no discurso propriamente dito, verbal ou não verbal. A enunciação é um componente imprescindível na compreensão do ato de comunicação. Além disso, o sujeito do discurso é tido como histórico e social visto que seria impossível separá-lo de sua constituição enquanto ser humano socializado e assujeitado em sua condição.

Considerando que um discurso não se constrói por si só, mas que se é atravessado por outros discursos (interdiscurso), o *corpus* deste artigo analisa a música “Tocando em Frente” de Almir Sater e Renato Teixeira, na perspectiva teórica da análise do discurso francesa, letra que se pronuncia *a priori* como uma música que fala

do pantaneiro e sua vida. E numa segunda leitura, apresenta marcas ideológicas perpassadas por outros discursos constituindo um sujeito marcado pelo contexto histórico e social de seu tempo, que num sopro de força contraria a ideologia vigente e se diz compositor de sua própria vida.

2. O discurso de constrói em vista do outro

A necessidade de comunicação é inerente ao ser humano e é por meio da comunicação que as relações sociais se constituem e se formam. Como nos diz Bakhtin (1992^a, p.40): “a linguagem permeia toda a vida social e preenche nela um papel central na formação sociopolítica e nos sistemas ideológicos. A linguagem é de natureza sócio-ideológica, e tudo que é ideológico, possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo”.

Essa comunicação para se efetivar, utiliza-se da análise de um gênero discursivo, a música. Na visão de Martins (2007, p.39), os gêneros são de suma importância na sociedade, pois uma das grandes preocupações entre lingüistas do discurso e do texto é estudar a linguagem e as atividades comunicativas, e os gêneros discursivos em muito nos favorecem a isso, pois por meio deles, os indivíduos se comunicam e materializam seu discurso, trocam experiências sócio-culturais, registram sua história.

Essa pesquisadora, citando Bakhtin (1992), afirma que esse autor, durante toda sua vida, foi fiel ao desenvolvimento do conceito de dialogismo. Sua preocupação básica foi a de que o discurso não se constrói sobre o mesmo, mas se elabora em vista do outro. Em outras palavras o outro perpassa, atravessa, condiciona o discurso do eu.

O gênero música, assim como outros textos ou discursos, não se limita ao seu dizer exposto, ele está inter-relacionado a outros discursos que se materializam no ser histórico e social deste sujeito no discurso. Esse sujeito está impregnado de concepções ideológicas que fazem parte de algo externo, a sua vontade (assujeitamento), tal como orientações de condutas sociais.

Marcas de subjetividade aparecem, à medida que o sujeito se coloca como ser individual, fonte do dizer que busca uma imaginária completude. Brandão (2007, p.85) complementa que “refletindo sobre a constituição da subjetividade há contradições que marcam o sujeito na Análise do Discurso: nem totalmente livre, nem totalmente assujeitado, movendo-se entre o espaço discursivo do Um e do Outro; entre a “incompletude” e o “desejo de ser completo”.

A análise do discurso nos direciona a compreender esse indivíduo histórico e social, a partir das análises discursivas, marcadas pelo momento em que são ditas e a quais outros ditos está se remetendo.

3. “Tocando em frente” – Música de Almir Sater e Renato Teixeira (CD AO VIVO -1992)

3.1 - O autor e cantor Almir Sater

A música de modo geral, principalmente a popular sertaneja está em constante modificação, quer pela necessidade comercial quer pelos modismos da modernidade. Na contramão desta modernização, alguns compositores e cantores se mantêm firmes em suas raízes.

É o caso do cantor regional Sul-matogrossense nascido em Campo Grande capital do Estado, Almir Sater. Apesar de dizer que não é cantor sertanejo, suas canções retratam os sentimentos e as esperanças do peão de boiadeiro pantaneiro e o contexto social no qual vive.

Sua influência e estilo são originários do “Folk Norte Americano” com batidas fortes de viola, sua música também recebe forte influência Paraguaia e Andina. É interessante ressaltar que não há quem ouça suas músicas e não sinta a inspiração regional e nacionalista que ele canta.

É um pesquisador da música regional. Em 1984, formou a Comitiva Esperança, que durante três meses percorreu mais de mil quilômetros da região do Pantanal, pesquisando os costumes e a música do povo sul mato-grossense. O trabalho teve como resultados um filme de média-metragem, lançado em 1985, e o elogiado Almir Sater instrumental (1985, Som da Gente), que misturava gêneros regionais - cururus, maxixes, chamamés, arrasta-pés - com sonoridades urbanas, num trabalho eclético e inovador.

Ao emaranhar pela análise do discurso, percebemos no texto da música “Tocando em Frente” um entrelaçamento de discursos: ora conformistas, ora esperançosos. Denotando um sujeito assujeitado, consciente do seu papel (ideologia marxista) que na longa existência ainda tem esperança (repressão dissimulada), o qual ainda representa várias vozes (polifonia de Bakhtin) na passagem “Todo mundo ama um dia todo mundo chora”.

Ainda dentro desta análise, veremos um sujeito marcado pelas relações históricas e sociais de um tempo político de transição em que a marca da decepção para com o governo federal de Fernando Collor de Mello e sua atuação (plano Collor) ocasionou em insegurança nacional.

A música “Tocando em Frente” de Almir Sater e Renato Teixeira foi tocada em 1992, no CD ao Vivo, Almir Sater tornou-se um sucesso onde quer que fosse tocada, sua letra identificou o espírito que estávamos vivendo na época, enaltecendo a maturidade adquirida com o tempo e o reconhecimento de se viver um dia após o outro.

3.2. Análise discursiva da música “Tocando em frente” de Almir Sater e Renato Teixeira

Já de início, consideramos ser necessário que o leitor interaja com a letra da música, faça sua leitura, para depois melhor entender nossa análise.

Ando devagar porque já tive pressa
Levo esse sorriso porque já chorei demais
Hoje me sinto mais forte, mais feliz quem sabe
Só levo a certeza de que muito pouco eu sei
Eu nada sei

Conhecer as manhas e as manhãs,
O sabor das massas e das maçãs,
É preciso amor pra poder pulsar,
É preciso paz pra poder sorrir,
É preciso a chuva para florir

Penso que cumprir a vida seja simplesmente
Compreender a marcha e ir tocando em frente
Como um velho boiadeiro levando a boiada
Eu vou tocando os dias pela longa estrada eu vou
Estrada eu sou

Conhecer as manhas e as manhãs,
O sabor das massas e das maçãs,
É preciso amor pra poder pulsar,
É preciso paz pra poder sorrir,
É preciso a chuva para florir

Todo mundo ama um dia todo mundo chora,
Um dia a gente chega, e no outro vai embora
Cada um de nós compõe a sua história
Cada ser em si carrega o dom de ser capaz
E ser feliz

Conhecer as manhas e as manhãs
O sabor das massas e das maçãs
É preciso amor pra poder pulsar,
É preciso paz pra poder sorrir,
É preciso a chuva para florir

Ando devagar porque já tive pressa
Levo esse sorriso porque já chorei demais
Cada um de nós compõe a sua história,
Cada ser em si carrega o dom de ser capaz
E ser feliz

A letra, enquanto materialidade lingüística nos remete a um tempo histórico social anterior aos dias atuais. Diferentemente da correria que a globalização, os meios de informação e o consumo exagerado, nos é imposto, volta-se para um tempo quase que estático na contramão das preocupações e necessidades.

O título “Tocando em Frente” nos remete a um discurso anterior e contínuo já que se utiliza do gerúndio, o verbo tocar não apenas se refere ao seu significado lexical, mas a toda uma formação discursiva derivada da condução do gado. Assim, como se toca o gado direcionando-o para onde quer que seu dono o leve, assim, é a vida conduzida e o sujeito assujeitado. O sujeito identifica seu lugar como massa social e não somente a vida é tocada, ele mesmo também o é.

Neste caso Brandão (2004, p.44) argumenta que:

No discurso, as relações entre esses lugares, objetivamente definíveis, acham-se representadas por uma série de “formações imaginárias” que designam o lugar que destinador e destinatário atribuem-se a si mesmo e ao outro, a imagem que eles fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro.

Desta forma, podem ocorrer pré-determinações inconscientes ou não, sugerindo este ou aquele, como lugar, como próprio ou de outrem. Seu discurso é projetado como se fosse ele o criador absoluto deste dizer, ocorrendo a ilusão discursiva do sujeito afetado pela ideologia (PÊCHEUX, apud Brandão, 2004, p.82).

Na primeira estrofe da música, os autores se ligam num único eu para retomar uma consciência individual e subjetiva de um tempo marcado pela individualidade, a juventude prediz a necessidade imediata, a falta de paciência típica desta fase da vida. Tudo é extremamente intenso inclusive o sofrimento.

A maturidade denota força. Esta força está relacionada com segurança, calma e paciência. Esse sujeito acredita ser totalmente livre em seu dizer e nem por isso perde a clareza e se diz ter certeza de nada saber. A identidade é constituída ao longo de toda vida e esse sujeito sabe que a cada instante algo nos é apresentado como novo, pois nós

somos diferentes a cada instante. Ao falar “hoje me sinto mais forte, mais feliz quem sabe”. Enfatiza o “mais” em comparação com o indivíduo que era antes, em contínua formação de identidade.

Na segunda estrofe, Sater e Teixeira saem da primeira pessoa e rimam manhas com manhãs, nos levam a perceber na primeira palavra algo que se aprende e, na segunda, algo concreto que está posto. Conhecer o sabor das massas é ter tido o gosto de viver em comunidade, posto que seu gosto seja único, assim como o da maçã.

Ao destacar “é preciso” mostra uma heterogeneidade de discurso tirando de si o peso do discurso. Como nos esclarece Brandão (2004, p.69):

Impossibilitado de fugir da heterogeneidade constitutiva de todo discurso, o falante, ao explicitar a presença do outro através das marcas da heterogeneidade mostrada, expressa no fundo seu desejo de dominância.

Se algo “é preciso” é por que ainda não existe, neste sentido é necessária uma ação para alcançar um resultado esperado e positivo. Não precisa pressa e sim ação. Nesse sentido, pode se perceber a interpelação de outros discursos tais como o religioso, o político, o social que representam os aparelhos ideológicos como os chamou Althusser. Que nos dão “bom ânimo” nas horas de luta. O sentimento: “[...] é preciso amor pra poder pulsar, é preciso paz pra poder sorrir [...]” e o concreto: “[...] é preciso chuva para florir”. Esse precisar denota a incompletude do discurso, pois sempre buscamos em outros discursos, em outras ações, a complementaridade de um discurso já existente.

Terceira estrofe, “cumprir a vida” nos leva a entender que o enunciado está carregado de significações não expostas explicitamente. Cumprir a vida como ordem, tira a liberdade de viver a vida como se queira ou possa. Sentimento tolhido, casto.

Sabemos que a ideologia é imposta disfarçadamente. Melhor explicado por Althusser (apud Brandão, 2007) em sua tese que diz que a ideologia representa a relação imaginária de indivíduos com suas reais condições de existência.

Ao dizerem compreender a marcha, significa que isso é não ir contra os aparelhos ideológicos o que acarretaria uma repressão. Corroborando com essa idéia, Althusser (apud BRANDÃO, 2007, p. 80) explica-nos que:

[...] inseridos nesse sistema de interpelação, os sujeitos, na maioria das vezes “caminham sozinhos”, isto é, com a ideologia cujas formas concretas são realizadas nos aparelhos ideológicos de Estado. A estes, os “bons sujeitos”, opõem-se os “maus sujeitos” que, não caminhando com a ideologia, provocam a ação do Estado através dos seus aparelhos repressivos.

Entender como esta marcha segue, vivendo com seu grupo correlato, ocupando cada qual seu lugar e ir tocando em frente. É o que se pode fazer. Nesse momento, os autores voltam seu pensamento para o passado, comparando o trabalho do boiadeiro que leva sua boiada e cumpre sua tarefa de chegar ao seu destino. Como se a vida fosse uma boiada que se empurra pelas estradas.

Em “tocando os dias” o eu, explicito agora novamente, nos indica um sujeito que faz algo necessário, porém sem emoção. Tocando sua vida como se fosse algo exterior a ele, separado dele. Um sujeito assujeitado pela ordem de cumprir a vida como ela lhe é posta. Como define Pêcheux “cada sujeito é assujeitado no universal como singular “instituível”.

A “longa estrada” o distancia mais ainda do objetivo de chegar e do descanso. Os caminhos que percorremos nos fazem fazer parte dele, e a vida escreve em nós assim

como a estrada é escrita por nós. Este sujeito está marcado pela escrita da vivência inconsciente ou consciente. O certo é que a vida sempre deixa suas pisadas em nós assim como nas estradas.

Ao dizerem “todo mundo” lhes são retiradas à carga imposta pelo que se diz, ou seja, não assumem sozinho o que diz. Ao trazer essas diversas vozes para seu discurso, eles deixam de ser a voz única responsável por esse dizer, por tal fato.

O amor é representado como vida e processo de se viver, não é certeza de felicidade, contudo é certeza de estar vivo. A conformidade expressa é a constâncias das mudanças. “[...] um dia a gente chega, e no outro vai embora [...]”, isso significa que os dias seguem um após o outro e tudo que vai, volta.

Ao refletir sobre o trecho ‘cada um de nós **compõe** a sua história’ (grifo meu) percebemos um indivíduo ciente de sua ação social mesmo que sob uma ideologia, às vezes, até imposta, o sujeito se encoraja, e escreve sua história, reverte a questão do sujeito assujeitado. Uma letra para uma melodia imposta.

Voltando aos discursos proferidos de auto-ajuda, tão em voga. O autor retoma o dizer – todos nós somos capazes, é um dom do ser humano. Desde que faça, aja, tenha uma ação. Remetendo, intertextualmente, à marcha “vem vamos embora que esperar não é fazer quem sabe faz a hora não espera acontecer [...]”. Além disso, essa passagem subverte o ditado popular “quem espera sempre alcança”, portanto, é uma música que visa à transformação, o rompimento com o senso comum.

Ao encerrar sua narrativa os autores nos provocam afirmando que é no ato ou ação, que somos diferentes porque a vida é uma marcha no sentido militar, contudo como a compomos diz respeito a cada um.

Considerações finais

A análise do discurso nos dá ferramentas para melhor entender o sujeito e seu dizer. Dessa forma, compreender não só o ser como indivíduo, mas a uma complexidade histórica e social que é representada pelo sujeito.

Na música, como representante de um gênero textual, a produção discursiva se apresenta constituída de vários sujeitos identificados num discurso heterogêneo em que o sujeito, ora se apresenta dono único do seu dizer, ora representante de várias outras vozes.

O homem representa mentalmente o mundo que o constitui e a habilidade em utilizar-se dos meios de comunicação na sua interação social o representa como sujeito. É no discurso que se materializa o que mais se aproxima do *eu* pelo ou por meio do *outro*. O pensamento só é concretizado quando se exterioriza na interação lingüística.

Reflexões acerca da vida nada mais são do que vivências realmente sentidas ou que foram inseridas em nós sem que percebêssemos.

Referências

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. 3º ed. São Paulo: Editora da Unicamp, 2007.

BAKHTIN, (Voloshinov, 1929). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. M. Lahud e Y. F. Vieira. 6º ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

MARTINS, Silvane Aparecida de Freitas. Art. “*O gênero do discurso ‘frase de protesto’: do interdiscurso ao intergênero*”. Revista da Abralín, v.6, n.2, p. 37-60, jul./Dez 2007.